

# Terminologia Geográfica

(Continuação)

- MACEIÓ** — Lagoeiro que se forma no litoral, por efeito das águas do mar nas grandes marés, e também das águas da chuva. Etim: t. guar. — *ma* por *mbaé*, cousa *çai*, estendida, dilatada: o espraiado, o alagado, o extenso; ou ainda *ma-çai-ó*, o que se estende, encobrindo, ou tapando (Cf. T. SAMPAIO, 138).: Maçaíó.  
Ar. Geogr.: B. ROHAN 84, dá como peculiar a Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. (R. G.).
- MADEIREIRO** — Cortador ou explorador de madeira nas matas, quase que o mesmo que o mateiro dos nossos léxicons. (F.A.P.C.).
- MADRINHA** — O animal que vai na frente de um rancho a servir de guia. Concorrentemente, no sul, como escreve BEAUREPAIRE ROHAN, é o nome que dão à égua que serve de pastora e guia de uma tropa de bostas muares.. E' singular, conclui êle, a influência que êste animal exerce sobre todos os outros da tropa, evitando desta sorte que se dispersem e extraviem. (F. A.P.C.).
- MÃE DO RIO** — Assim chamam os sertanejos da Bahia e de outros estados ao leito do rio até a extrema das margens, quando o mesmo, transbordando, alaga as várzeas ribeirinhas e "entra pelos matos". É o a que em potamologia se nomeia — leito menor, álveo, calha em que normalmente corre o rio. As extensões alagadas pelo transbordamento dão os sertanejos o nome geral de represas. (B. de S.).
- MAGRÊM** — No Nordeste, assim apelidam os caipiras à estação sêca, à estiagem prolongada, ao tempo da fome, resultante do verão inclemente. (B. de S.).
- MALHADA** — I, lugar sombreado por grandes árvores, onde o gado costuma abrigar-se da soalheira; II, lugar onde habitualmente se reúne o gado para ser trabalhado. (R. G.).
- MALHADOR** — Têrmo usado em Goiás com o sentido de lugar plano e sombrio onde o gado se deita para ruminar e descansar durante o dia ou à noite. TESCHAUER regista-o como sendo também de uso no Rio Grande do Sul. (B. de S.).
- MANDEMBE** — Dito por alguns "mandengo", apelida local de difícil acesso, cheio de mato cerrado. (B. de S.).
- MANGA** — Regionalismo brasileiro, que se veste de várias acepções. Da Bahia ao Ceará, abrangendo terras de Minas e Goiás, tem o sentido de pastagem cercada, onde se guarda o gado: No Piauí tem o têrmo manga o sentido de pastio mais amplo, onde se põe o gado em certos períodos. ANTÔNIO LOPES informa que, no Maranhão, designa "duas linhas paralelas de cêrca que se constroem à beira dos rios e igarapés, em lugares próprios para o embarque ou travessia do gado, impelindo-se entre elas o gado que assim se encaminha até o rio, evitando-se que dispare pelas cercanias à vista das águas". (B. de S.).
- MANGUES** — Êste têrmo denomina, na costa do Brasil, lugares lamacentos, não só no litoral, mas também nas margens dos estuários dos rios, onde vegetam os bosques de essências chamadas genêricamente mangue, "esquisitas representações do mundo vegetal", na frase de A. W. SELLIN, pertencentes aos gêneros rizófora, avicência, lagunculária, etc. Entre as variedades de mangue sobreleva notar a conhecida pelo nome de mangue vermelho, mangue de pendão, rei dos mangues, ratimbó (*Rizophora mangle*), que fornece resistente madeira, "que não apodrece, não dá de si, não verga". (B. de S.).
- MARACATU** — Dança carnavalesca dos negros, em que transparecem, visivelmente, muitos dos hábitos africanos. (R. G.).
- MAREZIA** — Assim chamam, na região do Araguaia, as ondas encapeladas que se formam em certos trechos do belo e majestoso rio, entre os estados de Mato Grosso e Goiás. No Maranhão, segundo informe de ANTÔNIO LOPES, significa banzeiro, ondas, quer nos rios, quer na costa. (B. de S.).
- MARIMBU** — Regionalismo baiano, que significa terra embrejada à margem dos rios, muito de uso na bacia de São Francisco. (B. de S.).
- MAROLA** — Registou-o RODOLFO GARCIA com o mesmo sentido de banzeiro. (B. de S.).
- MARUMBIS** — Lagoas cheias de tabuas, segundo HORÁCIO WILLIAM em seus *Estudos Geológicos na Chapada Diamantina* — Bahia — 1930 — Talvez alteração de marimbu. (B. de S.).

- MASCATE** — Mercador ambulante, que percorre as cidades, povoados, estradas e lugares do interior, a vender fazendas, miudezas, jóias e outros objetos. "O mascate percorre os desertos do sertão, tendo a certeza de que não será despojado dos seus haveres". (ARTUR ORLANDO) Entre nós originariamente, a dição designava o português reinol que chegando sem recursos, saía a vender fazendas e mercadorias diversas pelas ruas da cidade e pelo interior em tabuleiros ou canastras, vindo daí, não raro, chamarem-no também de canastreiro, e os holandeses encontrando êsse costume na colônia, adotaram-no também, como se vê de um cronista da época, tratando de um mascate flamengo vendedor de fazendas. Posteriormente, porém, a indústria avultou de tal modo, que o governador publicou um Bando datado de 26 de maio de 1685, proibindo mascatear em Pernambuco, sob pena de degrêdo para Angola, e perda da fazenda, a fim de não só garantir ao comércio, como também tornar mais eficaz a cobrança dos impostos, a que se furtava. Esta ordem, porém, foi se relaxando, de sorte que, pouco depois, dizia GREGÓRIO DE MATOS na sua sátira, Verdades, que sômente "No Recife há mil mascates". (F A P C.)
- MASSAPÊ** — Terra fresca, úmida e branda pela sua constituição de mistura com argila preta e húmus, em lugares planos e baixos, e de grande fertilidade para todo gênero de cultura. "A terra preferida para a plantação da cana é o massapê". (ARTUR ORLANDO). Argila preta, amolecida e pegaçosa: Barro massapê. "Experimentei a plantação do trigo em terras e várzeas de massa-pês, fertilíssimas, onde vicejam muito". (*Diálogos das grandezas do Brasil*) "O massapê cinzento das várzeas, fende-se, lasca-se ao calor" (GUSTAVO BARROSO) "Várzeas de massapê impermeável, de rara vegetação ou despida delas". (IRINEU JOFILI) (F A P C.)
- MATA** — Uma das zonas geográficas em que se dividem Pernambuco e estados vizinhos, entre a praia e o agreste caracterizada pela fertilidade do solo, exuberância e grande porte da vegetação, é, por excelência, a zona açucareira. (R. G.)
- MATO** — O campo, situações um pouco afastadas da cidade. "Pelo nosso mato, que estava então mui tatamba. Não se sabia outra cousa senão a dança do samba". (*O Carapuço*, 1842). "Com poucos meses de residência no mato, readquiri a minha saúde". (BEAUREPAIRE ROHAN). "O mato que outrora seguia as pisadas da praça, e imitava tudo quanto nós aqui fazíamos, já não está assim, e a alguns respeito dá-nos hoje excelentes lições". (*O Guarda Nacional* n.º 129 de 1844). (F.A.P C.)
- MATOMBO OU MATUMBO** — Pequeno montículo de terra, circular ou oblongo, isoladamente dispostos em um campo plano, e guardando um pequeno espaço entre uns e outros, e sôbre os quais se faz a plantação da mandioca, macacheira e batata. (F A P C)
- MAZOMBO** — Indivíduo nascido no Brasil, de pais estrangeiros, especialmente de portugueses. (R. G.)
- MEIA-ÁGUA** — Casa pequena, de uma só água, correndo assim as águas pluviais sômente para um lado, segundo o declive da coberta, ao contrário da casa de cumieira, de duas águas, que correm para dois lados. (F A P C)
- MERCADOR** — Primitiva denominação do negociante entre nós, desde logo os começos da colônia, mas em desuso Em Portugal, porém, ainda persiste o termo, se bem que particularmente aplicado ao comerciante a varejo (F A.P.C.)
- MESA** — Segundo GASTÃO CRULS, o mesmo que comedia Mesa de lontra: local em que êsses animais se reúnem para fazer os repastos e onde quase sempre se encontram muitas escamas e espinhas de peixe (B. de S)
- MIMOSO** — Denominação das regiões sertanejas caracterizadas pela sua situação em terrenos baixos e planos, de clima sêco e quente, mas temperado e sobremaneira agradável no comêço do verão e durante a estação hibernica, e abundantemente produzindo o algodão, de ótima qualidade, cana de açúcar aproveitada no fabrico da aguardente e rapadura, cereais e legumes Essa denominação vem do nome de abundante e excelente pastagem para o gado, que cobre os seus campos, o capim mimoso, cuja gramínea, igualmente abundante no Ceará e no Piauí, cobrindo os seus tabuleiros é também conhecida pelo mesmo nome. (F A P C)
- MINADOURO** — Ôlho d'água, fonte natural, quase sempre nascente de um ri-beirão ou córrego ou fundo de uma grotta. Diz-se também minador. (B. de S.)
- MINEIRO** — Além dos sentidos comuns que tem êste vocábulo, assim se designa no Alto Paraná e em Mato Grosso, o descobridor dos ervais nativos inexplorados ou virgens, em ser como dizem nessas sertanias (B. de S.)

- MINHOCAL** — Termo matogrossense, assim definido pelo major AMILCAR BOTELHO DE MAGALHÃES nas suas *Impressões da Comissão Rondon*, p. 130: "Os minhocais são terrenos que, durante a sêca, adquirem a dureza e a consistência das terras argilosas, mas que logo após, molhados pelas primeiras chuvas, na época das águas, como que se desmancham formando atoleiros perigosos. Neste estado é impossível transpô-los qualquer viatura, cavaleiro ou pedestre. (B. de S.).
- MINJOADA** — Processo de pescaria, que consiste em fincar uma vara à borda do rio ou açude, de modo que o anzol fique imerso durante a noite, para se apanhar o peixe no dia seguinte, sem outra intervenção do pescador. (R. G.).
- MINUANO** — Nome de um vento frio e sêco, vindo do sudoeste, e que sopra violentamente no inverno. É oriundo dos Andes, e, por passar na região primitivamente habitada pelos ameríndios Minuanos tomou esta designação. Segundo alguns, o nome provém da sua fereza semelhante a dos Minuanos, destemidos silvícolas. Segundo CALLAGE, "êsse vento é quase sempre sinal de bom tempo, pois só costuma soprar depois de muita chuvas e temporais nos meses de julho e agosto. Recebido de frente, nas coxilhas e escampados, o minuano é navalhante, cruelmente frio. O gaúcho recebe-o porém, com satisfação, adivinhando nele duros dias de inverno, mas de tempo firme e sêco. O minuano é hoje um símbolo do Rio Grande, um admirável preparador de resistências". (B. de S.).
- MOCAMBEIRO** — Escravo fugido, refugiado em mocambo ou quilombo; de casa, do serviço de uma fazenda ou propriedade rural: boi ou gado mocambeiro. No Ceará, porém, é o gado fugido, amontado (F. A. P. C.)
- MOCAMBO** — Humilde cabana, muito baixa, de armação de varas e tôda coberta de palha de coqueiro ou de sapé, ou tendo, algumas vêzes, as paredes tôscamente feitas de taipa. Em geral não tem ladrilhos, e são de duas águas, que correm para os lados, e ficando em muitos as extremidades da cobertura tão baixas, que chegam quase ao rés do chão. "Tomaram por um caminho que sabiam ia a dar a uns mocambos ou palhoças, que os escravos fugidos levantaram nas matas". (H. KOSTER). "O povo de Palmares fundou grandes povoações de mocambos, ou casa de palha". (J. B. FERNANDES GAMA). Quilombo; lugar remoto, nas matas, que servia de refúgio a escravos fugidos, e onde reunidamente permaneciam constituindo, às vêzes, mesmo numerosa população, como nomeadamente, o Mocambo dos Palmares e o do Catucá. O livro *Razão do Estado do Brasil*, de 1612, já assim definia o vocábulo mocambo: "Quilombo, ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil". "Uma povoação de escravos fugidos, a que chamam Mocambo dos Palmares nos confins do rio São Francisco". Carta do governador. (F. A. P. C.).
- MOCORÓ** — Nome que, nas minas de Açuruá, na Bahia, dão a certas formações dos terrenos diamantinos, caracterizados pelo limonite concrecionado (B. de S.)
- MOÇORÓ** — Denominação que, na cidade e município de Sousa, no estado da Paraíba, dão a um vento periódico que sopra das bandas do norte. A origem do nome é do fato de ficar nessa direção a cidade riograndense do norte chamada Moçoró. (B. de S.).
- MOCÔZAL** — Termo do Nordeste, especialmente do Ceará, que nomeia os lugares em que se apresentam altas paredes de rochas esburacadas, em cujas luras habitam os roedores chamados mocós, espécie de preá. (B. de S.).
- MOFUMBAL** — O mesmo que mofumbo, lugar escuso, esconderijo. (M. de S.).
- MONÇÃO** — Vide bandeira Assim se chamavam no tempo das bandeiras e entradas, as expedições que desciam o Tietê, partindo de Ararituaba, hoje Pôrto Feliz, rumo dos sertões. (B. de S.).
- MONCHÃO** — Assim se denomina, nas zonas diamantíferas, o veio da terra firme, onde se encontram depósitos de diamantes. (B. de S.).
- MONTUEIRA** — Localismo das Lavras Diamantinas da Bahia, designativo de aglomeração de pedras sôltas, que denunciam o trabalho de antigas catas, onde apenas se procura o diamante. (B. de S.).
- MOQUÉM** — Grade de varas, espécie de grelha, colocada a certa distância do fogo e sôbre a qual se põe a carne ou peixe para moquear, isto é, assar. (F. A. P. C.).
- MOQUIÇO** — Casa pequena, ordinária em mau estado; espelunca, habitação de gente má, perigosa, da mais ínfima e baixa ralé. (F. A. P. C.).

- MORADOR** — Indivíduo que mora em um engenho e nêle exerce a pequena lavoura, sob condição de prestar certos serviços ao proprietário, mediante retribuição fixa ou variável. Distingue-se do lavrador por ter êste a obrigação de plantar certa quantidade de canas, cujo açúcar é dividido entre êles e o senhor de engenho. (R. G).
- MORRO DE CHAPÉU** — O mesmo que cuscuzeiro, usado no sul do país. Na Bahia e em Minas Gerais, principalmente o povo chama morro de chapéu a certos cumos que apresentam saliências em forma de abas de chapéu (B. de S.).
- MOVONGO** — Têrmo do nordeste da Bahia, onde muitas vêzes o ouvimos pronunciado, designativo de baixão fundo, entre elevações íngremes. (B. de S.).
- MUCRUARÁ** — Têrmo paraense, empregado para designar terra alagadiça. (B. de S.).
- MUCURECA** — Barraca, choça. É têrmo usado por certas tribos indígenas do oeste paranaense, sinônimo de tóldo. (B. de S.).
- MUÇUNUNGA** — Ou mais pròpriamente terras de muçununga. Assim se chamam na Bahia aos “terrenos silicosos, às vêzes de sílica pulverizada, geralmente úmidos, onde a decomposição do húmus se fez muito lentamente graças à grande acidez do solo. Nestes solos a vegetação é composta de criptógamos vasculares (fetos), ciperáceas, algumas palmeiras, às vêzes aroideas, como aninga, etc”. (GREGÓRIO BONDAR) Regista-o BEAUREPAIRE ROHAN, com o significado de terreno fôfo, arenoso e úmido (B. de S.).
- MUDADOR** — Registado por CALLAGE e TESCHAUER que define — lugar nas estâncias, protegido por pedras, arroios e matas, onde costumam reunir os cavalos por falta de curral, com o fim de soltar os montados, substituindo-os por descansados. (B. de S.).
- MULATO** — Filho de branco com negro. “Natus ex patre europeo et matre ethiopissa dicitur Mulato”. (Marcgravi) (F. A. P. C.).
- MUMBAVA** — Registado na *Seleta Caipira* de CORNÉLIO PIRES, às páginas 1 e 17, com a significação de agregado, individuo ao serviço de um fazendeiro. (B. de S.).
- MUNDÃO** — Registado por VALDOMIRO SILVEIRA, com o significado de grande extensão de terra. No Nordeste é mais usado com o sentido de lugar muito longe, distante. (B. de S.).
- MUXIRÃO** — Registado por quase todos os vocabularistas brasileiros no sentido de concurso gratuito de muitos trabalhadores para algum serviço, ou como disse AMADEU AMARAL — “reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola — roçada, plantio, colheita, terminando sempre em festa, com jantar ou ceia, danças e descantes”. Numerosa sinonímia apresenta êste têrmo: assim é que, no Rio Grande do Sul, se diz também pichurum, puchirão, ajutório; em parte de Minas — mutirão e bandeira; na Bahia e em Sergipe — batalhão, adjutório; no sueste da Bahia — boi de cova; em São Paulo — côrte; em Pernambuco — adjunto, na Paraíba — bandeira; no Pará — potírom, puxirum, mutirum. No Amazonas diz-se ajuri — a reunião e ajuricaba — o trabalho confraternizado e o tempo para êsse fim. Era prática dos ameríndios, chamada pelos quichuas — minga (Padre GUSMAN) e pelos caboclos do Oiapoque — mauré (B. de S.).

(Continua)